

Sumário

Introdução	7
1. A dificuldade de definir mentira	9
2. As mentiras que contamos	17
3. O autoengano	25
4. Por que mentimos	37
5. A mentira cruzada	56
6. Os currículos mentem	60
7. As mentiras dos infiéis	67
8. As fábricas de receitas (de mentira)	75
9. Mentirosos em cadeia nacional	79
10. A mentira como doença	90
11. Os sentimentos relacionados à mentira	97
12. O admirável mundo novo das velhas mentiras	110
13. O conto do vigário	119
14. As mentiras escritas	125
15. As mentiras acima de qualquer suspeita dos chefes de Estado	133
16. Como mentir melhor	143
17. Como pegar um mentiroso	151
18. As mentiras e o corpo: linguagem corporal e microexpressões	169
19. Resumo dos gestos e das mentiras	184
20. Conclusão e as mentiras sobre as mentiras	202
Referências bibliográficas	205

Introdução

Ao longo dos anos, o estudo da linguagem corporal e de suas implicações vem crescendo no Brasil. Além de pesquisadores sérios, há uma gama de aficionados pelo tema e pelas séries de televisão que relatam as proezas de policiais e especialistas no ramo. É compreensível que a ficção não acompanhe a realidade. Ainda assim ela serve para despertar a importância social desse tipo de estudo.

Nesta obra, o leitor terá uma série de informações a respeito da linguagem corporal, mais especificamente sobre a mentira. Estabeleci como meta falar da realidade nacional, embora não tenha deixado de mencionar casos estrangeiros. Não somos um país singular quando o assunto é mentira, mas há muitas diferenças em relação a outras culturas. Talvez a leniência com que tratamos as mais descaradas mentiras seja a nossa característica mais marcante.

Os casos apresentados neste livro são de conhecimento da mídia e não há juízo de valor sobre eles. Muitas vezes faço a apresentação pura e simples, apenas como pesquisador e escritor. Mas confesso que tive de resistir em alguns momentos para não emitir opiniões pessoais, por vezes impublicáveis. Omiti, intencionalmente, casos pitorescos a fim de não caracterizar um viés ideológico. Estudando o tema há tantos anos, concluí que a mentira não tem ideologia ou partido: abrange a todos, qualquer que seja o motivo.

Meu propósito não era escrever um manual sociológico, mas revelar ao leitor um meio prático de reconhecer as mentiras, lidar com os mentirosos e evitar as armadilhas que as mentiras nos impõem.

O título do livro – *Não minta pra mim* – vem de uma frase comum, repetida pela maioria das pessoas pelo menos uma vez na vida. Temos a equivocada propensão a acreditar que somos capazes de identificar

mentiras com certa facilidade. Não é bem assim. Após anos de estudos e pesquisas, sei que devemos ter cautela ao tentar reconhecer alguém com capacidade e habilidade cognitivas para enganar quem quer que seja. Mesmo tentando nos prevenir contra as mentiras, seremos sempre enganados. De certa forma, essa certeza pode ser até reconfortante, pois nos torna mais sensíveis e humanos.

Agradeço a todos os que me incentivaram a escrever pelas sugestões e pela paciência, especialmente porque durante algum tempo meu assunto diário transitou em torno do tema.

O autor

1. A dificuldade de definir mentira

O diálogo quase surreal é de um casal discutindo na rua. Aparentemente, trata-se de uma briga de namorados. O que chama a atenção, contudo, não é a discussão, mas a insistência em definir o conceito de mentira.

Se por um lado hoje estamos familiarizados com o termo “mentira”, por outro existe certa dificuldade em defini-lo com precisão. Durante as palestras que ministro pelo Brasil, peço ao público que me dê sinônimos para a palavra “mentira”. Tarefa fácil, pois na língua portuguesa há dezenas deles, apontados em vários dicionários: engano, impostura, fraude, falsidade, patranha, peta, lampana, lorota, maxambeta, poçoca, maranhão, gamela, moca, potoca, perjúrio (juramento falso, considerado crime na justiça), mariquinha, falácia, blefe, cambalacho, rodela.

Há também expressões como “conversa pra boi dormir”, “faz de conta”, “de mentirinha”, “conto da carochinha”, “conversa mole”, entre outras. Até mesmo o termo “merda” é utilizado como sinônimo ofensivo de mentira: “Pare de falar merda”. Em algumas situações, mesmo sem dizer exatamente a palavra, acusamos o outro de mentiroso: “Conta outra!”

A fartura de sinônimos, no entanto, não acontece com a palavra “verdade”. Na língua portuguesa, há poucos sinônimos para ela: sinceridade, franqueza, boa-fé, fiel, genuíno, autêntico etc. Mas isso não é privilégio da nossa língua, pois constatei que a quantidade de sinônimos para definir as duas palavras são proporcionais nos idiomas inglês e alemão.

INTENÇÃO E ALVO

Para tentar explicar o que é mentira, a primeira providência de vários pesquisadores em todo o mundo é registrar as diferenças entre a mentira e as outras formas de engano, inclusive no conceito de autoengano, que veremos mais adiante.

Segundo Paul Ekman, psicólogo americano especialista em expressões humanas, há dois parâmetros para definir a mentira. O primeiro é a intenção, ou seja, quando o mentiroso deseja realmente enganar. Evidentemente, não é o caso de pessoas que transmitem informações erradas com boa-fé. Um vendedor, por exemplo, garante ao cliente que o produto é bom. O cliente se convence, leva o produto para casa e ao abri-lo percebe que está estragado. O vendedor pode não ter mentido, pois acreditava mesmo na qualidade do produto.

O segundo parâmetro é o alvo. Este desconhece que o objetivo do mentiroso é de fato enganar. Como os critérios são semelhantes, recorro a alguns exemplos para explicar o conceito. Pensemos num *show* de mágica. É fato que o ilusionista nos engana, mas não se trata de um mentiroso, e sim de um profissional no qual buscamos o engano lúdico. Se o mágico não conseguir enganar a plateia, certamente será vaiado e não aplaudido.

Outro exemplo é o famoso caso de Thomaz Green Morton, também conhecido como Homem Rá. Ele se dizia capaz de entortar talheres, dirigir carros com a mente, exalar perfume pelas mãos e produzir luzes. Fez muito sucesso antes de ser desmascarado por seus truques de mágico amador. Sua atuação, no entanto, era transmitida como verdade e não como mágica. Por isso, inúmeras pessoas, entre elas artistas e empresários, sentiram-se ludibriadas. O Homem Rá chegou a ser contratado por certo time de futebol profissional do Rio de Janeiro para se posicionar atrás do gol e, com a força da mente, impedir que a bola entrasse. No fim, o time perdeu a partida e a história virou folclore esportivo. Muitos, contudo, acreditaram piamente que o resultado teria sido pior se ele não estivesse ali. Por certo a lista desse tipo de fraude é extensa e remonta a tempos mais antigos.

O jogo de truco também serve como exemplo do parâmetro alvo, já que pela regra, em tese, não existe mentira. Os jogadores sabem de antemão que a intenção dos adversários é enganar, uma característica

do jogo. Entretanto, quando se esconde uma carta da mesa, configura-se a mentira intencional, pois os demais não desconfiam da ação.

TOLERÂNCIA

É interessante ressaltar que sempre que somos alvo de mentiras nos sentimos injuriados, ofendidos, em especial quando elas partem de autoridades e políticos. Apesar disso, tendemos a esquecê-las rapidamente. Acabamos interpretando a mentira com certa normalidade nesse meio, dada a tradição que alguns políticos mantêm nesse campo.

Já no mundo do futebol – lazer de fácil acesso muito presente na vida dos brasileiros – as mentiras são comumente lembradas e muitas vezes punidas com mais rigor do que as mentiras políticas. Exemplo disso é o caso do árbitro de futebol Edílson Pereira de Carvalho, que pertencia aos quadros da Federação Internacional de Futebol (Fifa). Ele acabou preso em 2005, assim como o empresário Nagib Fayad, acusado de manipular os resultados de diversas partidas. A Polícia Federal também investigou o extenso esquema de manipulação de resultados, que interferiu inclusive na premiação da Loteria Esportiva Federal. Mesmo fraudados, os resultados foram mantidos, prejudicando milhares de pessoas. O árbitro foi banido do futebol para sempre.

Esse é um caso típico de mentira, pois havia a intenção de enganar e os participantes não tinham conhecimento disso. Não se pode dizer o mesmo das apostas de loteria clandestina, na qual as fraudes são práticas comuns no mundo todo.

Contudo, mesmo avaliando a intenção, nem sempre é possível dizer com certeza se a mentira existiu ou não. No caso de uma entrevista de trabalho, por exemplo, o candidato à vaga responde ao entrevistador sobre os vários empregos pelos quais passou, mas “esquece” de mencionar aqueles em que foi demitido. Isso é casual ou intencional? Difícil dizer, pois muitos dados podem se perder em razão da rapidez com que a conversa evolui. O mesmo não ocorre quando se prepara o currículo, pois nele as omissões e adaptações tendem a ser mais intencionais, como será visto adiante.

DEFINIÇÕES

Após observar as condições propícias para que a mentira exista, é essencial defini-la. Os pesquisadores do tema, no entanto, divergem bastante nesse quesito. Alguns definem a função da mentira e não a mentira em si.

De acordo com o professor de Filosofia da Universidade de Yale (Estados Unidos) Shelly Kagan, não existe uma definição universal para a mentira. Talvez a mais aceita seja “fazer uma declaração falsa com a intenção de enganar”. Contudo, ao analisar a frase, encontramos várias deficiências. Basta pensar que muitas declarações verdadeiras são feitas com a intenção de mentir. Nessa situação, se considerarmos o tom de voz, a expressão pode reproduzir exatamente o contrário do que é dito. A frase seguinte denota isso: “Tenho certeza de que todos os políticos no Brasil são exemplos de honestidade”.

Para o professor americano James Edwin Mahon, chefe do Departamento de Filosofia da Universidade Washington (Estados Unidos), a definição mais comum para a mentira é “fazer uma falsa declaração com a intenção de que a pessoa acredite que a afirmação é verdadeira”. Ele cita pelo menos quatro condições essenciais para a mentira existir. Primeiro, que um indivíduo faça uma declaração; segundo, que ele a admita como falsa (condição de falsidade); terceiro, que a declaração mentirosa seja dita a alguém (condição de destinatário); quarto, que a pessoa acredite na declaração falsa (intenção de enganar).

Mahon cita um exemplo de mentira que se tornou um clássico em todo o mundo. É o diálogo entre dois viajantes de trem de Moscou:

– Trofim: Aonde você vai?

– Pavel: Para Pinsk.

– Trofim: Mentiroso! Você diz que está indo para Pinsk só pra me fazer acreditar que está indo para Minsk. Mas eu sei que você está indo para Pinsk.

Pavel não mente a Trofim, já que sua declaração é verdadeira. O que ele pretende é fazer Trofim acreditar que a afirmação é falsa. De qualquer forma, ele quer enganar Trofim.

Essa história é repetida em vários idiomas, só mudam os nomes. Vez por outra, ao relatá-la, diversos articulistas de jornais brasileiros trocam o nome do personagem e o local, mas o conteúdo é idêntico.

O filósofo e professor da Universidade da Nova Inglaterra (Estados Unidos) David L. Smith define a mentira como “qualquer forma de comportamento cuja função seja fornecer aos outros informações falsas ou privá-los de informações verdadeiras”. Ele explica o uso da palavra “função” por meio da psicologia evolutiva, que diz que a função de um mecanismo psicológico é fazer aquilo que lhe foi determinado fazer.

Smith considera a definição de mentira da filósofa Sissela Bok, professora da Universidade de Harvard, muito restritiva. Segundo ela, “a mentira é qualquer tipo de afirmação enganosa”. Para Smith, Mark Twain, pseudônimo de Samuel Langhorne Clemens, escritor e jornalista americano, tem um pensamento mais coerente. Twain dizia: “Por meio de exames e cálculos matemáticos, descobri que a proporção de mentiras faladas em relação às outras variedades de mentira é de um para 22.894”.

O termo “mentir” também é usado de outras maneiras para justificar a própria mentira. Há quem adote uma expressão inversa para dizer que não mentiu. Um exemplo é quando se diz: “Eu não fui contra a verdade”.

É óbvio que alguém com problemas mentais, que diz ser Napoleão Bonaparte, por exemplo, não está falando a verdade. Porém, não é propriamente um mentiroso. De qualquer modo, a informação é enganosa. Mais uma vez é impossível delimitar com precisão se há ou não mentira.

Um caso emblemático é o de Inri Cristo, que se autodenomina a reencarnação de Jesus Cristo. Ele afirma ter recebido a “revelação” de sua verdadeira identidade aos 33 anos de idade, porém admite que, antes disso, era conhecido como o vidente Iuri de Nostradamus. Motivo de piada em programas de televisão e desacreditado perante grande parte dos cristãos, não há notícias de que sofra algum tipo de distúrbio mental. É certo, contudo, que quase ninguém acredita em suas declarações, exceto

ele e um pequeno séquito. Inri Cristo se apresenta como o filho de Deus e faz uma pregação radical e enfática. Com o tempo, seu comportamento foi se tornando ameno, o que lhe garantiu até participação em comerciais de televisão.

Nesse caso, nota-se outro fato importante em relação ao uso da mentira. O mentiroso precisa ser capaz de decidir se aquilo que vai dizer é mentira ou não, se pode controlar seus atos e escolher conscientemente entre verdade ou mentira.

De qualquer forma, não é uma decisão tão simples quanto parece. Alguns mentirosos patológicos, que veremos em outro capítulo, sabem exatamente o que estão dizendo e têm consciência plena de seus atos. Mesmo assim não conseguem controlar o impulso de mentir. Por vezes reconhecem o mal que podem causar, mas insistem nas mentiras.

Paul Ekman define o mentiroso como “pessoa que tem o propósito deliberado de enganar a outra sem notificá-la previamente desse propósito nem ter sido requerida de forma explícita a colocar em prática pelo destinatário”. Na visão do especialista, há dois modos de mentir: ocultar e falsear. No primeiro caso, o mentiroso oculta a informação sem dizer nada que falte com a verdade. No segundo, além de ocultar a informação verdadeira, apresenta ao destinatário informações falsas como se fossem verdadeiras. Em algumas situações, os dois procedimentos são usados juntos para que a mentira seja eficaz.

Para Ekman, quando o mentiroso está em condições de escolher, em geral prefere ocultar e não falsear, em especial porque é mais fácil fazer as retificações necessárias e também porque a possibilidade de ser acusado ou censurado é menor. Basta dizer que esqueceu determinadas informações ou que estava com pressa e “passou por cima”. Quanto mais relevantes forem os fatos ocultados ou omitidos, mais desconfiança será gerada no destinatário.

No âmbito da política é comum o uso da condição de escolha descrita por Ekman. Pressionados, quando se veem em momentos de crise, como nas Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs), os políticos sempre usam a frase “Eu não sabia”. A declaração costuma ser

bem-aceita pela maioria das pessoas propensa a acreditar. Mesmo quando surgem provas, a justificativa continua válida, já que o político “não poderia saber de tudo que ocorria ao seu redor”, como costumam dizer.

Quando a pergunta é direta, no entanto, o mentiroso nem sempre consegue escolher entre ocultar e falsear:

“Paulo Okamoto pagou as contas do senhor?”, disparou o apresentador do *Jornal Nacional*, William Bonner, para o então presidente Lula, durante entrevista antes da eleição presidencial que o reelegera para o segundo mandato.

Em resposta, Lula disse que havia se encontrado com Okamoto e pediu a ele que resolvesse o assunto da melhor maneira. No entanto, Okamoto tinha afirmado na CPI que jamais havia comentado isso com o presidente.

Contudo, em alguns casos, a mentira pode acontecer mesmo que a pessoa não diga nada. Quando no cargo de ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff, diante das câmeras de televisão, escutou de modo impassível a leitura de seu currículo, que indicava, entre outros títulos, os de mestre e doutora. Ela poderia ter desmentido de imediato, mas aceitou os títulos e continuou o programa normalmente. Sem dizer sequer uma palavra, o silêncio permitiu que “a mentira” fosse levada adiante.

Depois do programa, a simples consulta ao banco de dados *Lattes* revelou que ela não tem tais diplomas. Dizer que se esqueceu de atualizar os dados apenas reforçaria a mentira. A culpa pelo fato acabou recaindo sobre um assessor, desconhecido por sinal. E, assim, o caso foi esquecido.

A definição de mentira ainda pode ser vista por outros prismas, nem sempre verbais. Um sorriso falso ou aplausos dados ao péssimo discurso do presidente da empresa são exemplos de mentiras não verbais. Quanto a essa definição, ainda se pode considerar o ponto de vista de David L. Smith. Segundo ele, maquiagem e implante de silicone nos seios, entre outros artifícios, também são formas de mentir. Pode soar exagerado, mas não deixa de ser uma modalidade de mentira.